

## Sobre viajar, educar e sonhar<sup>1</sup>

Ricardo Azevedo

Imagine um barco viajando pelo oceano rumo a um porto distante e desconhecido. Para seguir em frente, é preciso cuidar da manutenção do barco, estabelecer algum comando e normas de convivência entre os tripulantes, fazer previsões, buscar meios para obter alimento, administrar o uso da água e de outros recursos. O sonho dos navegantes é um dia chegar a um porto onde a vida seja melhor e mais justa para todos. O problema é que tal como viver, navegar pode ser perigoso. Há sempre chance de o barco perder o rumo e aportar em lugares indesejáveis. Além disso, podem surgir tempestades, tornados e maremotos.

Faz de conta que no barco existam crianças e que essas crianças tenham aulas. Imagine aulas ministradas de forma fragmentária, por vezes abstrata demais, por vezes abordando assuntos que parecem desimportantes, aulas incapazes de fazer com que os pequenos viajantes consigam estabelecer uma conexão clara entre as matérias dadas e sua vida cotidiana.

Por que iriam eles querer aprender o funcionamento de âncoras, bússolas, velas, mastros e lemes, se não foram levados a compreender as implicações de estar no mar viajando dentro de um barco rumo a um porto desconhecido?

Na minha visão, é o que tem acontecido com a maior parte de nossas crianças e jovens.

Posso citar meu próprio caso. Fiz meus estudos num colégio grande de São Paulo, na época considerado bom, mas não conseguia compreender para que estudar a maioria das matérias. Além de estanques e dissociadas umas das outras, muitas apenas me pareciam ter um fim em si mesmas. Em outras palavras, o conjunto das matérias escolares não conseguia criar em minha cabeça uma narrativa que fizesse sentido.

Como pano de fundo, havia no ar a constante reiteração da seguinte ideia: nós (escola e professores) sabemos tudo e vocês (meus colegas e eu) não sabem nada.

---

<sup>1</sup> Publicado no livro *5 Atitudes pela Educação – Orientações para coordenadores pedagógicos*. Textos de Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo, Ilan Brenman, Walcyr Carrasco e Pedro Bandeira. Publicado por Todos pela Educação e Editora Moderna, 2014. ISBN 978-85-16-09632-8.

Em tal ambiente, naturalmente não era o caso de colocar em discussão coisa alguma. Tratava-se de aprender as matérias por bem ou por mal. Era considerado bom aluno quem se submetia aos ditames escolares sem qualquer questionamento. No ensino médio foi finalmente apresentada a razão suprema para aquele emaranhado de informações: passar no famigerado vestibular (!).

Pergunto: nessas condições, como desenvolver o pensamento crítico, como exercitar a imaginação, como identificar vocações, como estimular, ao mesmo tempo, a capacidade expressiva individual e a consciência exigida pela vida em sociedade?

Acabei por repetir de ano duas vezes. Fui um aluno inquieto que não conseguia prestar atenção nas aulas e volta e meia fazia bagunça. Pensando bem, não é tão fácil prestar atenção e levar a sério matérias que não fazem sentido.

A meu ver, duas noções talvez fossem capazes de amarrar e dar nexos às disciplinas: 1) saber que, como indivíduos, temos uma subjetividade e uma voz a serem desenvolvidas e, *concomitantemente*, 2) saber que vivemos em sociedade e que tal condição, além de ser inescapável, apresenta inúmeras e relevantes implicações.

Trata-se, em suma, de compreender e aceitar a existência de um paradoxo: somos, ao mesmo tempo, um “eu” e um “nós”.

Não vejo como falar em educação, sem fazer com que os estudantes compreendam, desde sempre e antes de mais nada, essa condição e essa contradição.

Não sou especialista em educação, mas minha sensação é a de que certos fatores deveriam ser apresentados aos alunos como substratos e conteúdos anteriores às matérias convencionais. De certa forma, eles funcionariam como o contexto em que as diversas matérias seriam articuladas e conectadas. Cito alguns deles.

É preciso que os estudantes entendam que não são apenas responsáveis pela construção de suas vidas e de seus interesses particulares, mas também pela construção da sociedade em que vivem.

Que tenham o melhor preparo técnico possível sem jamais deixar de perceber a ligação existente entre as informações aprendidas, sua própria vida e a sociedade em que vivem.

É importante que saibam respeitar e ser capazes de conviver com hábitos, preferências e crenças diferentes dos seus. Trata-se de uma condição para a vida em sociedade.

Que conheçam os avanços indiscutíveis da modernidade e das tecnologias, mas também suas inúmeras contradições e desacertos.

Que tenham acesso à multifacetada cultura de seu país, suas características, seus tesouros e suas mazelas. E, mais, que aprendam a se sentir parte dela.

Que estejam conscientes das óbvias desigualdades de nossa sociedade (por serem imorais e injustificáveis, elas costumam deixar nossas crianças e jovens confusos e céticos).

Que aprendam a meditar e discutir a respeito de questões relacionadas à ética e à justiça, de maneira que se tornem capazes de compreender a importância de lutar pelo estabelecimento de uma espécie de lealdade entre todos os homens.

É fundamental, por fim, que sejam levados a compreender que não são a plateia mas, muito ao contrário, são os protagonistas do futuro e que, na escola, estão se preparando para construí-lo e ressignificá-lo.

Estudantes sem essas noções básicas, creio, terão dificuldades para aprender a pensar e articular seus conhecimentos. Podem até ser considerados verdadeiros barris de pólvora, pois viverão cheios de energia e não saberão nem onde, nem como, nem porque gastá-la. Além disso, sem pensamento crítico, certamente serão presa fácil da propaganda enganosa, do consumismo, do tráfico de drogas e do niilismo.

Crianças e jovens precisam estar convictos de que serão os atores do futuro e saber que estão na escola para aprender a pensar, para adquirir conhecimento, para construir sua subjetividade e, mais, para um dia, talvez, inventar alguma coisa que ajude a melhorar sua própria vida, a vida de seus concidadãos e a vida dos que ainda não nasceram. Dito de outra forma: inventar algo que facilite a viagem de um barco no oceano rumo a um porto distante e desconhecido onde a vida seja melhor e mais justa para todos.